

CARTA MEMÓRIA *(Para Reflexão do Povo Pataxó, para as Lideranças, Parentes e Comunidades).*

Joel Braz Pataxó

Estou escrevendo esta carta pra me comunicar com vocês. O momento é drástico e perigoso, talvez mais do que vocês pensavam, não é verdade? Pois bem, talvez só agora vocês estão vendo. Não sei se vocês já esperavam que fosse tão complicada a luta indígena, a luta pela terra, a luta pelos nossos direitos. É visto que o índio bom é o índio que não luta por terra, o índio que não reclama por seus direitos. O índio que fica calado, o índio que fica e sofre calado igual a ovelha. Esse índio é bonzinho, não mexe com ninguém, é um índio surdo, mudo e cego.

Eu vou dar um exemplo:

Se nós, os pataxó, vivíamos trabalhando para os fazendeiros da região, como acontecia com os nossos pais, tios, nos anos 60, 70, e até nós anos 80, aí nós éramos bonzinhos; trabalhando como boias-frias. Cumprindo horários, das 06 horas da manhã até às 05 horas da tarde, acordando 04 horas para a tarefa do trabalho, dando lucros aos patrões, é claro, e ainda seriam chamados de preguiçosos. Roçando pastarias, roçando cacau, colhendo, troperando, secando cacau a noite toda, fazendo cerca e outros serviços. Ah, se nós ainda vivêssemos como pião dos fazendeiros, nós talvez não éramos chamados de ladrões.

É isso mesmo, aconteceu até com mais de 50 companheiros da nossa idade, vocês sabem disso.

Quem era casado, a mulher, a jokana, ficava com os olhos secos de tanto ficarem olhando para o caminho, esperando 40 dias, 60 dias, delas que até três meses sem o marido.

Não me esqueço quando o João Barbosa era vivo, que ele não aceitava que ninguém passasse nem na pista em frente da casa de taboa preta.

Não esqueço quando morávamos ali, onde Fubuia mora hoje, em 1979.

Quando morei no Trevo Grande chamado de 1985 a 1986, onde é a aldeia Trevo do Parque hoje, eu e outras famílias, Benedito Tributino, meu primo Balbino, João Bernardino, etc, que nós tirávamos pati, cipó, taboca, imbiriba e buri pra fazer artesanatos escondidos, pra os fazendeiros e os guardas do IBDF, hoje IBAMA, não verem.

Vocês já esqueceram? Pois eu ainda não esqueci não.

Pois bem...

Lembro-me quando nós íamos trabalhar nas fazendas no caminho pra chupar uma cabaça de cacau que tinha que tirar, olhando para os quatro lados pra ver se não tinha alguém vendo. É, muita gente deve ainda lembrar disso.

Que com fome pelos caminhos das fazendas colhíamos uma jaca ou banana pra comer, com cisma dos ditos que diziam ser os donos não verem, e até patrão que descontava uma semana de serviços se encontrasse ou soubesse que alguém fizesse isso. É, muita gente deve ainda lembrar disso.

É... Tudo isso aconteceu.

Tudo bem... Mas, onde eu quero chegar é o seguinte:

Que todos nós vamos dar uma volta, nos caminhos da vida. E ao nos relembrar do tempo, dar uma estudada na lição do tempo. Vamos lembrar quando nossos pais e avós viviam, do campo de aviação, a lagoa e do córrego do Matalawê ao centro de Barra Velha.

Vamos recordar desse tempo, de 1967 mais ou menos, eu era criança, mas me lembro.

Até os dias de hoje:

Naquele tempo, pelo estudo que fiz, tinha mais ou menos 23 famílias de Barra Velha, Boa Vista, Mutum, Ribeirão do Acrizio, ao Campo do Boi. Não era mais do que 60 Pessoas indígenas, naquele tempo, era chamado de Seu João, de Seu Antônio, de Seu Mané (os caboclos) ...

Agora nós vamos olhar no quadro de vida de nós, Pataxó hoje:

Com 15 aldeias no litoral – de Santa Cruz de Cabrália até o município de Prado e mais uma aldeia em Minas. Ahh!!! Vocês querem que eu diga os nomes das aldeias? Então eu digo.

Mata Medonha, Coroa Vermelha, Imbiriba, Barra Velha, Meio da Mata, Boca da Mata, Guaxuma, Trevo do Parque, aldeia Nova no Monte Pascoal já consagrada no mundo desde os 500 anos ou antes, daí vem, aldeia Corumbauzinho, e a aldeia Pequi, consagrada pelo massacre dos dias 14 e 15 de setembro de 2002.

Vamos lembrar também que, segundo informações, só em Barra Velha tem 620 alunos, só os que estudam, fora as crianças que ainda não estudam.

Veja a situação de Coroa Vermelha: o índio pra conseguir um pedaço de terreno tem que comprar de outro e, às vezes, pode não conseguir. Em Barra Velha eu passei por isso.

Boca da Mata também já vive esta situação: até pra tirar uma madeira pra fazer uma casa e pra fazer artesanato, tem que ser dentro da área de preservação – nome que tem que ser mudado pra área de conservação.

Então:

Olhando tudo isso, durante esta viagem no tempo, é que aceitei o propósito de lutar pelo meu Povo, pelas nossas crianças que ainda não sabem se defender, digo saber defender seus direitos garantidos na Constituição. Mais uma coisa que eu não digo pra todos, é que antes de vocês confiarem no meu trabalho e na minha pessoa, eu fui eleito por Deus pra este trabalho, pra essa luta.

Bem, olhando isso eu sou prova que tem muito dos nossos parentes que não têm onde morar nas cidades vizinhas, vivendo nos aluguéis, sem espaço pra fazer um banheiro quanto mais espaço pra fazer uma horta.

Mas a minha luta não é por política, por poder, por posição, por cargo, por vínculo aos governos, a minha luta é de vocês, por vocês e pra vocês, pra mim, pra nós e pra os nossos futuros filhos e netos.

Luta pela posse das terras perdidas, pela garantia da demarcação da nossa terra.

Uma demarcação inteira, contínua, não por fatias de terra. Uma demarcação que chamavam nos anos 30, anos 40 e anos 50.

Quem pode dizer que o grupo dos Pires não é índio?

Quem pode dizer que o grupo dos Machado não é índio?

Como outros índios espalhados por todo o território chamado de Monte Pascoal.

Como:

- Os familiares do finado Tãno;
- Benedita do finado Názaro, donos do Champrão;
- Os filhos da finada Maria Cartuchim, irmã do Benedito.
- Os Filhos e netos de Pedro Carro;
- O grupo de Benedito de Amáro – Cunhado do Véi Bico;
- O grupo de Zeca Brito e Pedrinho, pai de Meio-Litro;
- O grupo do Velho Imidio Machado e Cisto.

Ou, quem diz que o Carrôla não é de índio, a Barra do Rio Corumbau, o Champrão, a Boca do Córrego do Riacho Grande, Caveira, Craveiro, Área do Genado, Jovenço e Sérgio, a Boca da Barra do Rio do Cahy, Ribeirão do Acrizio, Córrego da Palha, Córrego da Lama, Rio do Sul – Lado Leste dos Barrigas, Rio do Sul – Centro Oeste do Zé Braz, Rio do Sul - Meio e Cabeceira – dos Machado, Cumuruxatiba, Palmares ou Córrego das Palmeiras, São Geraldo.

Quem são os verdadeiros donos?

É, quem obteve primeiro a posse da terra, conforme o que diz a Constituição Brasileira, no artigo 231 – Parágrafo 1º - 4º ? Ou é aquele que comprou a qualquer custo. Que grilou, tomando com feirinhas, com troca

de cachaça, cavalo velho e até com ofertas de empregos; e à força, a chumbo e a bala, no caso da família dos kuati e outras famílias?

Ou com base na lei:

Quem nasceu, viveu e tem os pais, seus avós, tataravôs, e tetravôs, sepultados nestes locais são donos legítimos ou são invasores?

As testemunhas dessas coisas ainda estão vivas e são muitas.

Em Cumuruxatiba é milhar. Em Corumbau é mais de 100. Veleiro, Serra do Gaturama, Palmares, Guarani de Prado, Prado, Itamaraju, Alcobaça, Montinho, Itabela, Coroa Vermelha, Rio de Janeiro, por lá eu tenho parentes, e Salvador.

E tantos outros lugares têm esses herdeiros e testemunhas. Essas testemunhas um dia vão falar. Elas estão caladas porque os dragões estão falando mais alto. Só que um dia os dragões vão calar suas vozes. Eles não vão gritar o tempo todo! Eu estou certo, de que eu estou certo!

O meu povo precisava, e precisa, de alguém de muita coragem, humildade e inteligência pra lutar. Não pra medir força, mas pra defender os nossos legítimos direitos pela nossa terra – não só pelos 180 mil hectares, mas por 500 mil hectares.

De Cumuruxatiba ao Rio dos Frades, onde está Juacêma querida.

Afinal é muita coisa pra falar pra vocês, só num livro escrito pra dizer tudo, talvez.

Mas quero dizer ainda que a prova da minha luta e da minha lealdade por vocês, vocês vão sentir e ver. Quando vocês tiverem mais espaço maior pra criar gado, animais, porcos, peru, patos, gansos, galinhas, etc.

Quando comprarem mais carro, casas construídas e mobiliadas.

Com dinheiro no Bolso ou no Banco, não que aí muitos não vão se lembrar de mim.

Isso é meu sonho:

Uma coisa: é como diz a lei.

Em outras palavras:

O meu lugar, o meu habitat. Só vou deixar pra os meus filhos e netos. E a minha futura geração.

30 de janeiro de 2022 (com data original de 20 de dezembro de 2000)

Xarrú Ingorá

Monte Pascoal – Porto Seguro – BA.

Breve histórico sobre os Pataxó

Os Pataxó são uma nação indígena nativa e ocupante de vários municípios do Extremo Sul Baiano. Essa é uma verdade que precisa ser dita, do município de Mucuri, ao município de Santa Cruz de Cabrália, onde se dividia uma convivência com outras várias etnias, irmãs, tais como: os Maxacali, os Aimoré, Comanoxó, os Baykuirá, os Rabyrá, e os Kutatoi.



Sou Joel Braz Pataxó. Sou um dos guerreiros de luta pela terra Pataxó do monte Pascoal: fui cacique de três comunidades do meu povo a partir de 1995. Em novembro de 1998, o conselho de caciques me elegeu para a coordenação da Aponte - Articulação dos povos e organização de Indígenas do Nordeste de Minas Gerais e Espírito Santo, onde, durante as vésperas dos 500 anos, juntos com todas as organizações do Brasil, trabalhamos e organizamos os movimentos e manifestações indígenas, e ações de luta. Aqui na região do extremo sul da Bahia, fizemos quinze retomadas, incluindo a retomada do parque do Monte Pascoal, começando em agosto a abril de 2000; por motivo destas lutas a polícia militar e a Associação dos Fazendeiros, e a empresa Versace Celulose e alguns fazendeiros em particular me acusaram de dezenas de crimes. Com isso fui condenado a 14 anos e 7 meses de prisão domiciliar. No final em 16 de agosto de 2017 fui levado a julgamento com júri popular, onde fui beneficiado e absolvido por 4 votos a 3, mesmo passando por todos os sofrimentos e acusações, difamação, calúnias, ameaças e perseguição e opressão, por parte de fazendeiros com seus pistoleiros. Fui cacique da aldeia Meio da Mata, eleito em junho de 1995 por aquela comunidade. Fui vice-cacique do ex-cacique José Ferreira (Baraiá) da aldeia Barra Velha, aldeia matriz do povo Pataxó. Fui também o primeiro cacique da aldeia Pé do Monte (aldeia Nova do Monte Pascoal) e fui o primeiro presidente do Conselho de Saúde do Sul, Baixo sul e Extremo sul da Bahia por 4 anos em dois mandatos consecutivos. Fui o principal líder da organização “Frente de Resistência e luta Pataxó” por dois mandatos, isto é, por quatro anos (1998 a 2020). Por mandatos de mesma duração, fui o coordenador do Movimento Indígena Pataxó. Fui representante como cacique da comunidade e da aldeia Ribeirão que é umas das aldeias criadas durante as retomadas. Ela fica localizada na parte central do chamado Parque Monte Pascoal e é a terra onde viveram os meus antepassados (avós, bisavós e meus tataravós). Eu pertencço a três sangues Indígenas: Pataxó, Tupinambá, e povo Garranchos do rio Jequitinhonha.